

A TRADUÇÃO DE MARTÍN FIERRO

Walmir Ayala

Para início de conversa, e como poeta, considero a poesia intraduzível. Mas desde a primeira leitura que fiz do *Martín Fierro* não resisti à tentação de ir passando para o português aquela música singela, aquele falar sábio e aventureiro, aquele desfiar de desditas e rasgos de coragem, como se estivesse tocando a própria vida. Tentei ser fiel à métrica e manter a ordem das rimas, sempre atento ao sentido. Sessenta por cento posso dizer até que foi fácil, tendo em vista a minha intimidade com o heptassílabo, e o domínio das métricas tradicionais em meus primeiros anos de fazer poético. Esta empatia posso dizer que não se rompeu, apesar da adesão incondicional ao verso livre, e nem considero que a modernidade da poesia esteja necessariamente algemada à liberdade da forma, mas à reavaliação permanente da palavra no discurso poético. Os outros quarenta por cento do trabalho de tradução do *Martín Fierro* dividiram-se entre dificuldades e o quase impossível, sobretudo em expressões muito regionais da campanha Argentina, ausentes dos dicionários, e não muito explícitas nas edições (italiana, francesa e inglesa) compulsadas. Em casos extremos encarei a literalidade, procurando uma equivalência, e acomodando dentro da forma/fôrma exigida. Acho que não me afastei muito da intenção original. Como ousei em muitos momentos, prefiro chamar este trabalho de *livre tradução*, já que tive sempre o prazer em cantar com *Martín Fierro* e aceitar os desafios poéticos que este gaúcho desabrido e astuto me propunha. Confesso que a cada releitura do meu trabalho faço correções, envolvido então pela busca sempre maior do sentido. E nestas incursões posteriores não consulto o original, valorizando o distanciamento que me facultam as chamadas

licenças poéticas. Este distanciamento faz com que eu atue como se estivesse trabalhando num texto escrito originalmente por mim, e para o qual não tivesse encontrado ainda a expressão mais correta. Creio que neste processo vai se diluindo o ranço de tradução que o texto, em seu primeiro momento, conserva. Reconheço, inclusive, que a leitura deste poema se valoriza quando feita em voz alta, como a própria ação descrita determina desde os primeiros versos:

Aqui me ponho a cantar
Ao compasso da viola,
Que o homem que se desola
Numa dor extraordinária,
Como ave solitária
Cantando é que se consola.

Mesmo que se leia em silêncio tais versos, é como se dentro desta intimidade surgisse um vulto definido e apaixonante, seduzindo a audiência com o charme de sua voz e o fascínio de sua vida. Em muitos momentos do aventuroso relato o aturo, pela boca de Martín Fierro, confirma sua decisão de ser um trovador campal, e é fácil perceber a estrutura dramática (eu diria, teatral) desse texto. Certamente é possível desentranhar de sua sucessão de eventos, episódios completos, prontos para serem colocados em cena, dependendo apenas da imaginação do diretor e do talento do trovador.

Foi uma jornada feliz, a desta tradução, e que não considero acabada. Peço aos mais sábios no assunto que me ajudem no sentido de aperfeiçoar os "bordados", e vencer algumas dificuldades visíveis, no duro ofício de interpretar, com humildade e empenho, um poeta do nível de José Hernandez.

Comecei a trabalhar nesta tradução em 1977, quando realizei inteiramente a primeira parte do poema. Em 1978 abordei a segunda parte, com uma parada de alguns anos, firmemente retornando em 1985. Trabalhei lentamente no sentido de aperfeiçoar o texto traduzido, atendendo sempre que possível à literalidade, mas recorrendo à livre interpretação quando necessário, em função do ritmo, do esquema de rimas, de manutenção sonora e leve da canção popular que encadeia os versos na trama de um romance gau-

chesco, dos mais brilhantes e perenes de toda a literatura genuína latino-americana.

José Hernandez nasceu a 10 de novembro de 1834, na província de Buenos Aires, e morreu a 21 de outubro de 1886, depois de uma agitada vida de soldado, político e escritor. Em 1872 publicou a primeira parte de *Martín Fierro*, sem propósito de continuação. O êxito foi tamanho que animou o escritor a escrever a segunda parte, dada a público em 1878, com igual sucesso. Nas "orelhas" da edição Espasa Calpe Argentina S/A, Coleção Austral, lê-se que "as duas partes juntas constituíram logo, e pelo espaço de mais de vinte anos, o livro preferido da campanha argentina", cujo partido, em contestação aos desvios da invasão urbana, o poeta tomava a peito, ainda que sentimentalmente, e cujos personagens, características, costumes, fala e paisagem, apareciam retratados na obra com extrema fidelidade.

Declaro finalmente minha alegria em colaborar na divulgação deste poema que é, para a literatura nacional argentina, o mesmo que o *Mio Cid* para a espanhola e a *Chanson de Roland* para a francesa.